



## O QUE COMPLETA UMA MULHER? Um estudo sobre a relação entre não-maternidade e vida profissional

*What completes a woman? A study about the relation between non-maternity and professional life*

Luciane Najar Smeha<sup>[a]</sup>, Lize Calvano<sup>[b]</sup>

<sup>[a]</sup> Doutoranda em Psicologia Social (PUCRS), Professora do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) em Santa Maria, RS - Brasil, e-mail: lucianes@unifra.br

<sup>[b]</sup> Psicóloga formada pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria, RS - Brasil, e-mail: lizecalvano@ibest.com.br

---

### Resumo

A pesquisa apresentada neste artigo buscou compreender a relação entre não-maternidade e vida profissional. Além de elucidar o papel do trabalho como substituto da suposta completude feminina atrelada à maternidade; conhecer as influências individuais e do contexto histórico-social e cultural sobre o fato de não ser mãe; investigar os sentimentos e as percepções que a não-maternidade suscita. Foi utilizada a pesquisa qualitativa e, como instrumento de coleta de dados, o grupo focal. Participaram da pesquisa seis mulheres, professoras universitárias com mais de trinta e cinco anos, sem filhos e exercendo a docência em curso superior. Para análise dos dados, foi utilizada a análise textual de Moraes (2003). Os resultados apontaram que a profissão não substitui a maternidade, assim como não foi obstáculo à realização da maternidade. A atividade profissional demonstrou ocupar um lugar paralelo, sendo significativa via de investimento e busca de completude. A falta de motivação à maternidade foi o fator mais presente e definidor de seus comportamentos e elas não pareciam imersas em sentimentos de tristeza ou de vazio pela escolha daquela condição. Além disso, não percebem a maternidade como algo inerente à identidade feminina.

**Palavras-chave:** Não-maternidade. Profissão. Mulher.

## Abstract

*The research presented in this article tried to understand the relation between non-maternity and professional life. Besides elucidating the role of work as the substitute of the supposed female completeness geared to maternity; knowing the individual influences and the social-cultural and historical context about the fact of not being a mother, investigating the feelings and perceptions that the non-maternity brings. It was used the qualitative research and, as an instrument of data, the focal group. The participants of the research were six women, university teachers who were more than 35 years old, without any children and working in university courses. To the analysis of data, it was used the textual analysis of Moraes (2003). The results showed that the profession does not replace the maternity as well as it was not an obstacle to the completion of maternity. The professional activity showed to have a parallel place, a significant way of investment and search for completeness. The lack of motivation to maternity was the most common fact and the defining of their behavior and they did not look sad or empty because of their condition. Besides that, they do not see the maternity as something inherent to the female identity.*

**Keywords:** No-maternity. Profession. Woman.

## INTRODUÇÃO

Será que as produções e realizações oferecidas pelo trabalho de alguma forma substituem a maternidade? Na sociedade contemporânea, a atuação da mulher se expande e toma novos espaços, sendo o trabalho uma dessas principais manifestações. Com sua ascensão profissional, a mulher foi protagonista de mudanças sociais que manifestam uma ruptura histórica em seu modo de ser e agir. Isso vai se refletir nas atitudes, formas de construção de identidade e subjetivação do feminino.

A figura feminina, por muitos anos, foi diretamente relacionada às funções de mãe e esposa, imagem essa que as mulheres viam como sendo distante da sua realização pessoal. No entanto, o compromisso feminino passou também a ser com a esfera profissional, no sentido de corresponder a uma preocupação consigo e aos desejos de expressão e realização íntima. Um novo modelo norteia o lugar e o destino social das mulheres, caracterizado por sua autonomia em relação à influência tradicional masculina e pelas redefinições e significações imaginário-sociais da mulher (Lipovetsky, 2000).

Sabemos que, atualmente, as mulheres têm mais opções na vida. Logo, estudo, profissão, casamento, filhos se tornaram passíveis de questionamento e isso resultou em maior plasticidade no comportamento feminino. Portanto, é possível percebermos, na sociedade, a configuração de novos papéis e novas formas de manifestações femininas, havendo, algumas vezes, um

distanciamento daquela imagem tradicionalmente construída de mãe e esposa.

Dessa forma, o objetivo principal neste estudo foi compreender a relação entre a não-maternidade e vida profissional, bem como, especificamente, elucidar o papel do trabalho como substituto da suposta completude feminina atrelada à maternidade; conhecer as influências individuais e do contexto histórico-social e cultural sobre o fato de não ser mãe; e investigar os sentimentos e as percepções que a não-maternidade suscita.

Logo, esta pesquisa não teve o anseio de responder à gama de motivos envolvidos no universo que abarca a não-maternidade, mas sim, propor a reflexão e compreensão de possíveis fatores envolvidos nesse comportamento, bem como sua relação com a vida profissional.

## METODOLOGIA

Participaram desta pesquisa seis mulheres, com mais de trinta e cinco anos que não possuem filhos, sendo que todas atuam no ramo acadêmico como professoras universitárias e em área relativa à sua formação. O critério 35 anos foi escolhido pelo fato de que nessa idade a mulher aproxima-se do seu limite biológico para a procriação. Essas mulheres foram escolhidas por conveniência e aparecem com nomes fictícios escolhidos ao acaso, conforme o quadro a seguir:

1º Grupo			
Nome	Idade	Estado Civil / Situação Afetiva	Titulação
Lúcia	55 anos	Solteira- não mencionou se possui companheiro.	Doutora
Beatriz	49 anos	Divorciada - possui companheiro.	Doutora
Ana	41 anos	Solteira - não possui companheiro no momento.	Doutora

2º Grupo			
Nome	Idade	Estado Civil / Situação Afetiva	Titulação
Antônia	41 anos	Solteira - possui companheiro	Mestre
Luíza	43 anos	Solteira - possui companheiro	Doutora
Sílvia	53 anos	Solteira - possui companheiro	Mestre

Foram realizados dois grupos focais (Romero, 2000), com três participantes em cada um deles. Para a condução do grupo, foi utilizado um roteiro pré-elaborado com as seguintes questões: Como é para vocês hoje a situação de não ser mãe até o presente momento? Qual a importância e o significado do trabalho para vocês? Como vocês se sentem enquanto filhas? Qual a percepção sobre o olhar da sociedade no que se refere ao não exercício da maternidade?

Os grupos realizados no espaço acadêmico foram gravados em *audiotape*, e posteriormente transcritos para análise. O procedimento utilizado, para análise dos dados coletados, foi a Análise Textual Qualitativa (Moraes, 2003). Resultando em cinco categorias, descritas a seguir: Percepções sobre a maternidade e sentimentos da não-maternidade; Influências à não-maternidade: algumas hipóteses; Realização profissional; Aspectos sociais e culturais envolvidos, e Os caminhos da não-maternidade.

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Percepções sobre a maternidade e sentimentos da não-maternidade

A valorização da maternidade provém da criação do mito da boa mãe, período caracterizado por uma “revolução de mentalidades”, no qual uma criação social promoveu a modificação radical

do papel materno, na afirmação de que existia um instinto que levava toda a mulher a realizar-se a partir do cumprimento de sua vocação materna (Badinter, 1985).

No entanto, Teixeira (1999) expõe, em sua pesquisa sobre adiamento da maternidade que, atualmente, estamos atravessando uma era de transformação do *ethos* da maternidade e, se antes, ter uma prole numerosa e passar pela experiência de uma gravidez resumia a sexualidade feminina, hoje, a maternidade está perdendo sua centralidade e dominância na vida das mulheres. Sobre esta percepção, as participantes mencionam: “[...] *não acredito que existe uma essência e que a essência feminina é ser mãe [...]*” (Luíza), “[...] *ter filho é uma questão cultural [...]*” (Ana).

Entretanto, sabemos ainda que um dos motivos que faz uma mulher perceber a maternidade como fonte de realização e vê-la como uma experiência importante na vida são as vivências de identificação com a mãe. Na perspectiva psicanalítica, é das vivências no triângulo edipiano e da relação mãe-filha que se inscreve o desejo da menina em ser mãe e não por vontade nata.

Os relatos das participantes apontam que elas não se sentem e nem se sentiram destinadas a serem mães, assim como não percebem a maternidade como parte da identidade feminina. É possível que seja pela atenuação da obrigatoriedade social que elas se permitiram refletir sobre essa escolha. Assim, fizeram suas opções profissionais e afetivas de acordo com suas vivências subjetivas e

possibilidades individuais, uma vez que Ana, Luíza e Antônia, respectivamente, verbalizam:

*[...] exerço meu papel de mulher de outras formas e não acho que a minha realização seja só essa [...], [...] eu me acho muito mulher e então eu não acredito nessa essência feminina [...] nunca pensei ou nunca comprei a história que pra uma mulher ser realizada ela tem que ser mãe, então eu acho que ela pode se realizar de muitas maneiras [...], [...] tem outros caminhos [...].*

De acordo com Pinto (2006), o “peso” que um imaginário social pode exercer sobre uma escolha leva-a a tomar forma de uma obrigatoriedade mascarada. Contudo, a maternidade é cada vez mais uma prática social que está sendo repensada.

Talvez, seja no caráter “obrigatório” que reside o fato de algumas mulheres terem dificuldades de assumirem que não querem ser mães. Pensando assim, quantas mulheres já tiveram filhos sem antes interrogarem-se sobre suas reais motivações?

Aliás, isso acontece porque não existe uma única concepção do que seja a maternidade. O que existe são produções de sentimentos de amor, ódio, tristeza ou culpa que acabam por moldar comportamentos e normatizar sujeitos de acordo com o que é esperado dele e por isso é visto como certo (Pinto, 2006).

Assim, pode-se pensar, é que por causa da diminuição desse peso, essas mulheres tenham se permitido fazer escolhas de acordo com suas possibilidades e expectativas pessoais, as quais não se baseiam na maternidade.

Tudo isso pode acontecer, pois a condução de nossos desejos também é herança da forma como fomos socializados e educados, e se o mito da maternidade, como instinto natural a todas, é resultado de entrecruzamentos da construção sociocultural, a possibilidade de sua desconstrução também se encontra nessa mesma via (Pinto, 2006). Dessa forma, não serão mulheres como elas que aproveitaram as brechas conquistadas pelas feministas, que apoiarão a quebra dos paradigmas e impelirão outras mulheres a se questionarem e se conduzirem de acordo com suas possibilidades subjetivas?

Atualmente as mulheres não precisam mais se submeter a papéis preestabelecidos, porque elas se defrontam com a possibilidade da “escolha pessoal”, resolvendo como devem agir e conduzir suas escolhas independentemente de padrões sociais (Rocha-Coutinho, 2004).

Possivelmente essas percepções sobre a maternidade foram ingredientes importantes que contribuíram para que elas agissem em desacordo com os protótipos dominantes e se comportassem em consonância com suas vontades.

Ser ou não ser mãe, tanto uma experiência como a outra provocam na mulher sentimentos múltiplos, advindos de uma vivência particular atravessada por sua história de vida, aliada às influências sociais. De acordo com Mansur (2003), todas as mulheres experimentam sentimentos de angústia, ambivalência e ambiguidade perante uma escolha relativa à maternidade, no entanto, pelas suas experiências e personalidades, essas emoções repercutem em reações diversas. Alguns relatos que versavam sobre a experiência não demonstraram cargas emocionais negativas relacionadas a como elas se sentiam por não serem mães. Pelo contrário, seus discursos apresentaram tons ofensivos à ideia de tristeza e falta, muitas vezes, relacionada a mulheres sem filhos: “[...] eu, particularmente, não me sinto mal de não ter tido filho [...] não me sinto um fracasso pelo fato de não ter, me sinto bem assim [...]” (Antonia), “[...] eu estou com 55 anos e pra mim ter filhos não faz falta nenhuma [...]” (Lúcia).

É natural que a maternidade tenha distintos significados para aquelas mulheres que a rejeitaram na maturidade ou precocemente, no entanto, para os dois grupos, ela exige um trabalho emocional importante, podendo emergir sentimentos de todos os feitios (Mansur, 2003). Nos grupos houve uma tendência a esses discursos, parecendo defesas às inquietações e angústias que ainda podem ser despertadas em decorrência da escolha, e assim repelir um possível sofrimento. A negação ajuda a repudiar desejos, fatos ou dúvidas conscientemente intoleráveis, o sujeito se defende deles negando que lhe pertença, a realidade é transformada para parecer mais agradável (Laplace & Pontalis, 2001).

### **Influências à não-maternidade: Algumas hipóteses**

Já que um dos principais fatores e influências, na condução de uma mulher à maternidade, é sua experiência e identificação com a mãe enquanto tal, é fundamental refletir sobre o lugar reservado e as características sinalizadas da figura materna. Na relação mãe-

filha, a menina começa a vislumbrar o dia em que irá se tornar também mãe. As primeiras relações e a maneira como ela sente a experiência de sua mãe também começam a construir o alicerce para sua futura maternidade (Langer, 1981).

A entrada da menina no complexo de Édipo acontece em decorrência da frustração com sua mãe, quando descobre que ela é desprovida do falo. Portanto, frustrada por sua mãe, ela volta-se ao pai e, para isso, identifica-se com sua mãe, na esperança de um dia também o possuí-lo. Por uma equação simbólica, esse desejo transforma-se no desejo de ter um filho com seu pai, o qual venha a suprir a falta pela ausência do falo (Freud, 1933/1969).

Pela vivência do Édipo, a menina herdará de sua mãe a feminilidade e a “promessa” de receber o falo paterno na forma da maternidade. No entanto, essa promessa somente acontece quando for possível à menina a identificação com uma mãe que lhe oferece o significado daquilo que não tem, isto é, o significante do sexo feminino neste caso inexistente, pois é a sua castração. Quando a mãe consegue dar o que não tem, ela lança a filha no terreno da falta, transmitindo-lhe o signo da identidade feminina e a possibilidade de maternidade como busca imaginária de um falo simbólico. Quanto mais fácil para a mãe for esse processo, mais predisporá a filha a buscar, criativamente, a completude de sua falta (Zalberg, 2003).

Essa explicação é corroborada pelo discurso de Ana sobre sua mãe:

*[...] ela teria condições, teria capacidade e teria vontade de ir muito além e eu acho que ela foi uma das mulheres que se adequou e se adaptou a este papel social e nunca perguntei pra ela, mas não sei se a maternidade foi a realização da vida dela, acho que não! Ela teve filhos [...] mas [...].*

Segundo Langer (1981), se a mulher renuncia a muito para ocupar-se dos filhos, certamente o fará com amargura, com críticas em palavras ou até mesmo atitudes inconscientes: “[...] ela nunca se lamentou disso, nunca reclamou disso, ela nunca disse nada [...] mas eu sempre entendi e sempre achei que ela preferia ter continuado o curso de direito [...]”. Dessa forma, uma mãe descontente com seu sexo e por suas possibilidades estará também descontente com o sexo da filha (Langer, 1981). A partir desses aspectos, parece que a mãe de Ana não conseguiu transmitir à filha a maternidade como sendo uma vivência atrativa. Haveria possibilidade de Ana desejar a maternidade, como

símbolo de completude, nestas circunstâncias?

Sobre esses aspectos transgeracionais, foi possível identificar o investimento de suas mães sobre elas, sempre foi focalizado na realização profissional como símbolo de realização pessoal, uma vez que não emergiu na fala de nenhuma das participantes a expectativa da figura materna de vê-las se tornarem mães:

*[...] aquela construção assim de casar e ter filhos, casar e ser dona de casa, não tivemos esse direcionamento (Sílvia), a minha mãe sempre dizia assim: ‘ah, vão estudar, vão fazer alguma coisa’, então isso também me deu força pra não [ser mãe]. [...] Primeiro eu tenho que ser e depois, se acontecer, se der, se vir a calhar tudo bem, senão (Antônia).*

Atualmente, estamos vivendo uma era de crise de identidade materna, uma vez que as exigências do mundo moderno e as possibilidades de realização pelo trabalho fazem com que a maternidade perca seu atrativo. Essa crise pode acabar por colocar a menina e sua mãe dentro da definição do vazio do papel materno que influenciará nas suas escolhas futuras (Cramer, 1997).

Essa característica surgiu no decorrer do grupo, na medida em que, pelas verbalizações colocadas, foi percebida a existência de um único investimento materno para que a realização das filhas fosse pela via profissional e não pela maternidade.

Assim, com diferentes manifestações, as mães dessas mulheres, de alguma forma, exerceram marcante influência sobre seus comportamentos diante do assunto, uma vez que o papel materno é fundamental para criar na mulher o desejo de ter filhos.

De acordo com Soifer (1992), quando uma mulher engravida é porque seus medos advindos da maternidade foram superados pelo seu desejo de ser mãe. Em uma lógica inversa, pode-se pensar que os medos insurgidos nos relatos aumentavam o abismo entre essas mulheres e a maternidade servindo, ao mesmo tempo, como causa e justificativas perante a(s) escolha(s)

*[...] quando era solteira ainda bem mais jovem, a coisa de ver na minha família da minha mãe de ter... uma irmã dela tem dois filhos que são Down e isso eu tinha uma coisa que isso pode tá no sangue pode ser da família e sei lá o que, morria de medo disso de ter a responsabilidade e não só a responsabilidade e sim de ter um filho, mas ter filhos com problemas assim que exigissem muito de mim, medo na verdade [...] (Sílvia).*

Nesse relato está exposta a crença de que a possibilidade de gerar um filho está aliada à sua incapacidade de gerar ou criar algo que seja “bom”. Para não correr esse risco, ela preferiu não se tornar mãe.

Segundo Maldonado (1989), o desejo de dar à luz uma vida alia-se à sensação de ter capacidade de produzir, fazer coisas boas, criar, amar, ser fecunda.

Além disso, ela cita outros medos relacionados ao assunto, assim como Lúcia e Luíza, uma vez que visualizam a experiência da maternidade como um fardo pesado para carregar. Nesses relatos estão expostas suas verbalizações a respeito do medo da responsabilidade que ser mãe exige “[...] *outra coisa também, a responsabilidade de ter uma vida pra sempre do teu lado ali né, medo de educar, de dar o exemplo, de [...]*” (Sílvia), “[...] *tu ter que criar uma criança é um investimento de energia muito grande [...]*” (Lúcia).

Já Beatriz ressalta a impossibilidade de conciliação entre maternidade e carreira, demonstrando o medo de que a maternidade seja um empecilho para sua realização profissional: “[...] *tanto o mestrado quanto o doutorado eu fiz fora, então eu pensava que não ia poder conciliar as duas coisas [...]* *ia se tornar um pouco mais complicado [...]*”

A chegada de um filho pode se apresentar como ameaça a outros investimentos da vida de uma mulher, acarretando conflito entre maternidade e outras áreas da identidade feminina (Langer, 1981).

O medo de assumir uma responsabilidade sozinha emergiu nas falas de Sílvia, Antônia e Luíza:

[...] *eu tenho irmãs também, acho que foi uma coisa que fez meu medinho aumentar, duas irmãs que criaram filhos sozinhas [...]* (Sílvia).

[...] *ai eu separei dele, daí eu disse ah ainda bem que eu não tive [...]* *a gente sabe né quando o relacionamento é legal pra gente ter o filho ou não [...]* *eu não encararia ter filho sozinha hoje [...]*, [...] *ai já não teve mais sentido né porque ai o casamento já não tava bem não tinha [...]* *né, fica complicado ai desisti de vez [...]* (Luíza).

O projeto maternidade envolve decisão e planejamento, a dois, na medida em que se sabe que a responsabilidade por outra vida envolve investimento financeiro e afetivo. De acordo com Mansur (2003), a escolha dos parceiros pode estar diretamente ligada ao pouco investimento na maternidade. A preferência por homens que já tenham

ou não queiram ter filhos, para a autora, pode ser uma seleção subliminar que vem ao encontro de seus desejos. Sílvia refere: “[...] *a gente nem falava muito sobre isso eu já considerava fato, que bom ele tem 3 filhos, não vai querer mais entendeu e eu também acho que não queria ser muito provocada com relação a isso [...]*”

Aparentemente o medo do desconhecido, de educar, de cuidar, da responsabilidade, além da falta de motivação do parceiro para a paternidade, contribuíram na tomada de decisão ou as sucessivas escolhas que as levaram à não-maternidade, mas ao mesmo tempo, esses sentimentos tomavam maiores proporções, à medida que o investimento na maternidade não acontecia.

Nos discursos das participantes, um filho as limitaria dos prazeres que desfrutam hoje. A dependência parental aparece como fator que priva, um laço indissolúvel que faz de alguém totalmente dependente: “[...] *meio que formata a gente né, tu tem um filho que tem que sustentar, tu tem um ser que a gente tem que cuidar, tem que buscar da escola, tem que levar pra escola...muda...deve mudar completamente né [...]*” (Antônia).

Além disso, uma criança restringiria outras formas de realização, não havendo espaço para conciliação. Ana demonstra esse sentimento quando expõe: “[...] *eu queria viajar, namorar e ter minha profissão, esse era meu sonho.*”

Do mesmo modo, também foi mencionado por elas um sentimento de vantagem por terem uma liberdade que só quem não tem filhos possui: “[...] *sabe que eu acho que as pessoas têm inveja das conquistas que a gente tem*” (Lúcia), “[...] *eu vejo minha irmã que tem dois meninos que fala: ah, queria ir, mas não vai dar, não tem dinheiro pra passagem de todo mundo, não sei o que. E eu lá né, já fui [...]* *eu acho que os outros até têm inveja da gente que não tem filhos, tem inveja*” (Antônia).

Cada pessoa tem sua capacidade de se adaptar às exigências que o outro ocasiona, assim, algumas mulheres, quando percebem sua falta de vocação para a maternidade, tal como é construída culturalmente, preferem se preservar dessas exigências, garantir sua liberdade e o bem-estar fundamental para si (Mansur, 2003).

### Realização profissional

A emancipação feminina que repercutiu diretamente no comportamento das mulheres, nas últimas décadas, é consequência de sua

entrada no mundo do trabalho. É notório que hoje as mulheres buscam uma identidade profissional, uma vez que passaram a ser reconhecidas pelo que fazem e não mais, unicamente, pelo que “naturalmente” podem ter. A possibilidade de reconhecimento, investimento e satisfação pelo trabalho torna esta vivência cada vez mais atrativa e recheada de sentidos.

Hoje, o contingente feminino na esfera trabalhista faz com que a maternidade deixe de ser a única conquista fálica, pois a cultura permite tal transcendência. Portanto, a maternidade passa a assumir o formato de escolha, na medida em que deixa de ser obrigação moral, psíquica e imposição social (Karam, 2000). Há sinalização dessa tendência em Beatriz, quando expõe: “[...] *eu acreditava que não ia poder conciliar profissão com a maternidade, aí optei [...]*”.

Logo, a compreensão desses dados pode residir no fato de que a mulher moderna conquistou a chance de ir para além da maternidade em busca da ilusão da completude pela posse do falo. Assim, uma mulher, mesmo diante da inacessibilidade subjetiva à maternidade, a qual pode envolver multifatores, alguns discutidos ao longo deste trabalho, não vê cessar suas alternativas de busca imaginária do significante fálico, já que, segundo Betts (2000), a partir de uma perspectiva imaginária o falo seria qualquer representação do ter alcançado a igualdade sexual, em busca do ideal de satisfação.

Assim, o reconhecimento social e a consequente valorização agregada ao trabalho feminino, faz com que haja uma elevação da identidade profissional feminina que, ao mesmo tempo, exige maior energia, mas se coloca como fonte de prazer. Lúcia e Ana confirmam tal afirmação, quando expõem:

*[...] eu gosto do que faço, o significado que tem pra você escrever um projeto, você participar de uma pesquisa, fazer um trabalho, você escrever um capítulo de um livro, você [...] é maravilhoso, essa é minha história [...]*

*[...] eu adoro a minha profissão, não só ser professora, mas trabalhar na universidade, acho que este contato que a gente tem com os alunos, as oportunidades que a profissão oferece [...]*

Tudo isso pode estar acontecendo, porque a sociedade determina megatendências que, movidas por uma narrativa mítica, mudam o curso da história. Essa narrativa, socialmente aceita, determina e justifica uma ordenação das condições

de gozo de seus membros que, por sua vez, tornam-se o significante fálico de plantão (Betts, 2000). No entanto, esse significante de plantão, que se manifesta atualmente, na dimensão de trabalho, não substitui a maternidade, mas sim presenteia a mulher com outras chances de ter o objeto desejante, caso suas vivências subjetivas não a impulsionem a buscar pelo filho.

Outro aspecto a ser ressaltado é o fato de que se observou no discurso de Ana e Antônia, a dimensão do “ser”, conquistado somente a partir do trabalho. É como se, por si só, a profissão constituísse os pilares de suas identidades e lhes permitisse ser, demarcando a importância simbólica do trabalho em suas vidas. Esse fator é exemplificado pelos fragmentos “[...] *ser alguém na vida [...]*” e “[...] *vou ser, e depois se acontecer [...]*”.

Esse fato pode acontecer por elas serem capazes de sentir suas atividades profissionais e intelectuais como se fossem nascimento de filhos simbólicos, uma vez que por essa via, inconscientemente, elas aspiram a cura da ferida narcísica advinda da falta provocada pela castração (McDougall, 1997).

Além disso, outro fato interessante na fala de Lúcia, quando refere: “[...] *a gente é um ser social, uma pessoa produtiva na sociedade, qualquer pai teria orgulho da gente [...]*”. Ela sente suas produções acadêmicas como potência e capacidade criativa, semelhante ao que ocorre na maternidade. Os desejos inconscientes de possuir a potência do pênis do pai e a criatividade da mãe podem se manifestar através de obras artísticas e intelectuais que oferecem à mulher a capacidade de dar à luz simbolicamente (McDougall, 1997).

Outro fator emerso acerca da relação trabalho e não-maternidade foi a afirmação de que uma escolha fora independente da outra. Com exceção de Beatriz, que mencionou ter consequência direta entre os dois fatores, as demais não mencionaram a renúncia da maternidade por causa da profissão. Essas experiências se relacionam no sentido de que as duas representam para a mulher vivências diferentes e paralelas, que têm em comum a busca do objeto simbólico, ideal de completude, como finalidade.

### Aspectos sociais e culturais envolvidos

Com advento da revolução industrial e as exigências do mundo capitalista, a ideia de mulher fraca e sensível vem sendo posta em xeque. Mesmo

assim, a maternidade ainda pode ser vista como sinônimo de feminilidade. Uma mulher que não teve filhos pode se tornar vítima de estigmas e cobranças, que por sua vez exercem impactos distintos na subjetividade de cada uma. Das participantes, Ana mencionou já ter sentido preconceito por parte das pessoas pelo “estilo de vida” que optou levar, dizendo: *“eu me senti pressionada lá, dos 20 aos 30, depois dos 30 as pessoas já não [...] acho mesmo que é preconceito por ser mulher e não ter filhos e ele existe velado”*.

Pelo relato de Ana, parece ter sofrido os resquícios da forte imagem de mulher-mãe que começou a ser construída no século XVIII, sendo que a pressão se fez mais presente quando era jovem. De acordo com Scavone (2001), escolher ser ou não mãe, é um fenômeno moderno e contemporâneo, que foi se consolidando no decorrer do século XX. No entanto, a maternidade ainda é afirmada e sentida fortemente na cultura e associada à identidade feminina pela sua ligação ao corpo e com a natureza.

Desse modo, pode-se pensar que há algumas décadas, quando essas mulheres decidiram não ser mães, ou ainda não tendiam à maternidade, a pressão social poderia estar em um processo de enfraquecimento mas ainda presente, pois, considerando que, segundo Teixeira (1999), vivemos em um processo de “destraditionalização social da maternidade”, a cada ano essa pressão pode vir perdendo forças.

Sobre isso, as possibilidades de busca de independência financeira pelo trabalho é o principal “escudo”, consciente ou inconsciente, de defesa que contribui no processo de diminuição da cobrança social diante de opções diferentes das tradicionais. Essa feição pode ser exemplificada pelas seguintes colocações: *“[...] eu fui trabalhando e trabalhando pra sustentar, o ponto era eu não depender de ninguém [...]”* (Sílvia) *“[...] a gente não pode desconhecer que nós não seguimos o caminho normal que a sociedade e a nossa família esperava né [...] e aí acho que o que mais importa é a independência [...]”* (Ana).

Fica evidente que, diante de dependência financeira, seja de pessoas da família seja do marido, seria mais difícil para elas fazerem suas escolhas de acordo com sua vontade. De acordo com Lipovetsky (2000), o compromisso que as mulheres veem diante do trabalho, advém de uma preocupação consigo, de desejos e expressão de realização íntima, é na esfera profissional que se generaliza a autonomização subjetiva do feminino.

## Caminhos da não-maternidade

A decisão de ser mãe, ou ainda fazer planos de um dia tornar-se uma, envolve aspectos subjetivos e sociais. De acordo com Teixeira (1999), estamos passando por uma revisão de valores em um processo modernizador, no qual o papel materno se reconfigura.

A (in)decisão de viver sem passar pela experiência da maternidade se manifestou com diferentes experiências subjetivas pelas participantes, dividindo-as em dois grupos, o das decididas e o das indecisas.

Três participantes relataram que nunca fizeram planos de se tornarem mães, e por múltiplas influências, algumas já explanadas, optaram por seguir uma vida sem filhos. Conforme Baptista (1995), as mulheres usufruem de maiores possibilidades de escolhas conscientes sobre determinada vivência, uma vez que se permitem assumir padrões de comportamentos diferentes dos preestabelecidos, assim como foi evidenciado por Ana *“[...] mesmo na minha juventude, eu nunca pensei em ter filho [...]”*.

Segundo Mansur (2003), mulheres que optam claramente por não terem filhos, são consideradas “mulheres transformadoras” ou “manifestantes precoces” que enfrentam os desafios de assumir que levarão uma vida diferente daquela tradicionalmente esperada. Além de Ana, Sílvia refere *“[...] nunca na verdade eu pensei: ah, vou ter filhos, assim pensado. Não cheguei a fazer este plano não [...]”*, Lúcia, por sua vez, também expõe *“[...] eu entendi a coisa quando eu tinha acho uns trinta e dois anos de idade, a maternidade não é para todas e ainda tinha a chance de ter filhos [...]”*.

Esses relatos sugerem que, para essas mulheres, a maternidade não é vista como o único destino e fonte de realização, ao mesmo tempo que não se identificam com as funções maternas. Essas identificações, sob uma perspectiva psicanalítica, se dão, fundamentalmente, da relação com a figura materna que transmite à filha o desejo de ser mãe (Freud, 1933/1996; Langer, 1981; Brazelton & Cramer, 2002).

De acordo com Chodorow (1990), que analisa a reprodução da maternação como constituinte da organização social de gênero, ao observarmos o passado histórico e verificarmos as tantas mudanças que vêm ocorrendo no papel da mulher, podemos perceber que a função produtiva e reprodutiva das mulheres já está mudando e, conseqüentemente, a família também mudou.

Sob esse aspecto, não havia no discurso dessas participantes um sentimento de inadequação ou arrependimento. Esse fato pode ser resultado de um processo de mudança dos padrões de gênero, que, aos poucos, estão incluindo outras expectativas para o papel feminino, podendo atenuar um possível mal-estar que essa condição poderia provocar.

No entanto, as que se mostraram indecisas, verbalizaram sentir em algum momento de suas vidas a vontade de ser mãe, mas não tomando uma posição definitiva sobre o assunto. Para Beatriz, o desejo de um filho passou por oscilações “já passei por períodos onde eu queria realmente ser mãe e depois passava [...]”, Antônia ainda não está decidida “pra mim não é definitivo não ter sido mãe ainda [...]” De acordo com Brazelton e Cramer (2002), uma mulher sente desejo de ter um filho por impulsos distintos, como a identificação, a satisfação de várias necessidades narcisistas e a tentativa de recriar velhos laços afetivos.

O desejo e a busca do filho, para Freud (1933/1996), em seus estudos sobre a feminilidade, fazem-se pela procura incessante de suprir a falta típica da construção da personalidade feminina, tornando a busca do filho o mais intenso desejo de uma mulher.

A psicanálise contribuiu nesse sentido por elucidar e ao mesmo tempo reforçar a crença de que toda a mulher deseja um filho e busca que isso aconteça. Contudo, não foi possível perceber a expressão desse desejo em Sílvia, Ana e Lúcia, levando-as a buscar outro caminho de realização pessoal permitidos socialmente, o trabalho. No caso de Luíza, Antônia e Beatriz, apesar de, em algum momento, a maternidade ter sido por elas, a busca por um filho não ocupava um lugar de destaque. Luíza apresenta esse aspecto, quando expõe: “[...] nessa época dos trinta anos, eu também fui fazendo as minhas coisas, mas tava aberta a ser mãe né, queria ser mãe e tal [...]. não veio e nunca veio e os anos foram passando e passaram-se 8 anos e aí, quando fui pensar mais sério no assunto, que o relógio biológico tava gritando [...]”. Assim como Antônia, quando refere a sua experiência:

[...] eu tive aborto, espontâneo né, então eu não consegui... mas não era uma coisa assim: *ãã* [expressão de muito sofrimento] não deu! era: não deu assim então tá tudo bem [...] começou um sangramento né, e o médico disse que tem que ficar em repouso eu não dei [...] continuei circulando e disse não, é besteira! Mas eu conheci amigas que, quando aconteceu isso, *aaaah* ficaram lá se paralisaram pararam o mundo e ficaram nove meses numa cama pra ter o filho e queriam muito né! [...].

Já Beatriz demonstra que a profissão foi sua prioridade “[...] eu achei que, como eu tava investindo na minha profissão, na minha pós-graduação eu achava que talvez, se eu tivesse filhos, eu não ia conseguir conciliar [...]”.

Portanto, parece que a maternidade tinha um lugar secundário na vida delas, não se manifestando como uma fonte de investimento, movido por um forte desejo. Se Luíza tivesse um marcante desejo de ser mãe, teria parado para pensar somente após 8 anos? Se Antônia desejasse realmente o bebê não teria ouvido seu médico, quando os primeiros sinais de risco apontaram? E se Beatriz realmente almejasse ter um filho não teria conciliado maternidade e profissão?

Essas mulheres evidenciaram que a vontade de ter um filho nunca se apresentou como algo que lhes despertasse extrema atração. O tornar-se mãe existia apenas como um horizonte possível, colocando o fato sempre como uma possibilidade e não como uma busca. Esse aspecto levou Luíza e Antônia a refletirem a respeito da legitimidade da opção, no transcorrer do grupo, ao remeterem seus comportamentos no passado:

[...] eu não quis muito não, mas por um lado teve um momento que eu quis, aí não deu certo e depois eu não fiquei naquilo que *aaaai* [sofrimento] eu quero! Então será que no fundo, é porque eu não quis tanto assim? *Ab* deve ser [...] (Luíza).

[...] eu não tive filho, na verdade, na verdade, foi porque eu realmente não quis mesmo porque se eu tivesse querido quando aquilo [aborto] aconteceu eu teria dito não, eu vou de novo né [...] (Antônia).

Com essas colocações, a razão desse comportamento pode se encontrar na difícil tarefa de posicionamento diante do assunto, pela dificuldade de dizer “não quero ser mãe”, elas podem ter sentido o peso da obrigatoriedade social que ainda ronda a maternidade. Assumir a não-maternidade por escolha pode ser difícil para algumas mulheres, pois pode instigar uma série de questionamentos herdados de uma construção social de gênero que, por muito tempo, previu (ou ainda prevê?) a maternidade como principal ofício feminino. Será que elas estariam dispostas a tomarem uma posição que ainda suscita tantos questionamentos?

Por isso, pode-se pensar esse tenha sido o fator que mais influenciou a ausência de posicionamento diante do assunto, exemplificado quando falam: “[...] eu não decidi que eu não queria ser mãe

*e não decidi que queria ser mãe, as coisas foram acontecendo [...] eu nunca fiz isso, eu nunca disse: não vou ter um filho [...]”* (Luíza), *“é optar é decidir, né. Não quero! [...] Nós não optamos por não ter filhos [...]”* (Antonia).

No discurso das participantes, está inscrita a impossibilidade de assumir o “nunca” ou o “para sempre” sobre a suposta escolha de não ter filhos. Tudo isso, pode tê-las levado a fazerem sucessivas escolhas, ou até mesmo, a não fazê-las para alcançar o caminho da não-maternidade.

Após inúmeros “não(s)” à maternidade, elas esperam, ou esperaram, que a limitação biológica para gerar intervenha, decidindo definitivamente o assunto, sem ser preciso uma escolha consciente. Contudo, é fundamental ressaltar que a compreensão reside no fato de que, independente de opção explícita, consciente ou inconscientemente, elas se conduziram ao mesmo futuro: o de não serem mães.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de motivação à maternidade foi o fator mais presente e definidor da condição que as participantes se encontram. A profissão não se mostrou como o fator determinante para a maternidade não acontecer, mas sim uma fonte de investimento na vida delas, ao mesmo tempo em que a maternidade não se manifestava atrativa.

Uma possível diminuição da cobrança social, a possibilidade de independência financeira, através do trabalho, para assim sustentar a escolha, a relação estabelecida com suas mães e as percepções herdadas sobre maternidade, os medos e o desejo de liberdade, são fatores que constituíram as múltiplas influências que combinadas, acabaram por conduzi-las à escolha, consciente ou não, pela vida sem filhos.

Pôde-se perceber que a dedicação à atividade profissional ocupa um lugar paralelo, como uma fonte de realização que permite a essas mulheres canalizarem suas energias para outros fins produtivos diante da falta de motivação à maternidade.

Dessa forma, constatou-se que a profissão não substitui a maternidade em sua totalidade, pois substituição consiste no fato de colocar algo no lugar de outro e que isso não seria possível, uma vez que maternidade são caminhos e vivências

distintas, difíceis de serem substituídas. Assim, o único fator que pode ser visto como substituição diz respeito ao objeto investido, pois na inexistência da maternidade foi ao trabalho que elas dirigiram suas energias e buscaram a ilusão de completude.

Além disso, foi possível confirmar que os comportamentos das participantes podem também ser decorrentes da diminuição da obrigatoriedade de ser mãe, o que as tornam herdeiras e também protagonistas de uma era de transformações. A respeito dos sentimentos e das percepções insurgidas, não se obteve nenhum tipo de verbalização queixosa ou nostálgica sobre a posição.

Por fim, afirmar que o trabalho substitui a maternidade, seria uma forma ingênua e simplista de compreender essa relação. Os dois caminhos se constituem investimentos e satisfação que estão em prol da ilusão de completude de uma mulher e assim, se a impossibilidade se inscreve por uma via, hoje, ao lado se encontra a outra, oferecendo diferentes vivências com semelhantes gratificações.

## REFERÊNCIAS

- Badinter, E. (1985). **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Fronteira.
- Baptista, S. M. S. (1995). **Maternidade e profissão: Oportunidades de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Betts, J. (2000). Labirintos do êxito feminino. In A. Jerusalinsky, A. Merlo, & A. L. Giongo, (Org.). **O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Brazelton, B. T., Craemer B. G. (2002). **As primeiras relações**. (2a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Chodorow, N. (1990). **Psicanálise da maternidade: Uma crítica à Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Cramer, B. (1997). **Segredos femininos de mãe para filha**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, S. (1996). **Feminilidade. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. Vol. XXII, (Trabalho original publicado em 1933).

- Karan, H. (2000). Do trabalho de parto ao parto para o trabalho. In A. Jerusalinsky, A. Merlo, & A. L. Giongo. **O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Langer, M. (1981). **Maternidade e sexo**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- La Planche, J., Pontalis, J. (2001). **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes.
- Lipovetsky, G. (2000). **A terceira mulher: Permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras.
- Maldonado, M. T. (1989). **Maternidade e paternidade: Situações especiais e de crise na família**. Petrópolis: Vozes.
- Mansur, L. H. B. (2003). **Experiências de mulheres sem filhos: A mulher singular no plural**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- McDougall, J. (1997). **As múltiplas faces de eros: Uma exploração psicanalítica da sexualidade humana**. São Paulo: Martins Fontes.
- Moraes, R. (2003). Uma tempestade de luz: A compreensão possibilitada pela análise textual qualitativa. **Ciência e Educação**, 9(2), 191-211.
- Pinto, M. G. C. (2006). **A (Des) Construção da maternidade: Gênero, sexualidade e educação**. Recuperado em 10 jun. 2007, disponível <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/posteres/GT23-2235—Res.pdf>
- Rocha-Coutinho, M. L. (2004). Novas opções, antigos dilemas: Mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. **Temas em Psicologia da SBP**, 12, 2-17.
- Romero, S. M. (2000). Grupo focal. In H. Scarparo. (Org.). **Psicologia e pesquisa: Perspectivas metodológicas**. Porto Alegre: Sulina.
- Scavone, L. (2001). Maternidade: Transformações na família e nas relações de gênero. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, 5, 47-60.
- Soifer, R. (1992). **Psicologia da gravidez, parto e puerpério**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Teixeira, Eliane T. N. (1999). **Adiamento da maternidade: Do sonho à maternagem**. Dissertação de mestrado. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro.
- Zalberg, M. (2003). **A relação mãe-filha**. Rio de Janeiro: Elsevier.

Recebido: 19/11/2008

Received: 11/19/2008

Aprovado: 24/03/2009

Approved: 03/24/2009

Revisado: 17/09/2009

Reviewed: 09/17/2009